

700 844

Biblioteca - Unemat - PLA



00013997

**BIBLIOTECA
UNEMAT**
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT
RG N.º 13997
Data 19 / 08 / 2009
() Compra (x) Doação () Permuta

**ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS DE PONTES E LACERDA**

A formação do leitor literário: um estudo em Pontes e Lacerda

Trabalho de conclusão de curso
apresentada ao Departamento de Letras
da Universidade do Estado de Mato
Grosso como um dos pré-requisitos para
a obtenção do grau de Licenciatura Plena
em Letras.

Orientadora: Ana Maria Macedo.

**Pontes e Lacerda
2008**

028.4
A474 8
ex.01

Este trabalho de conclusão do curso de graduação em Letras foi apresentado e definido perante a seguinte banca examinadora.

PRESIDENTE, Ms. Ana Maria Macedo (Orientadora)

Profª Esp. Elizangela Patrícia Moreira da Costa (UNEMAT)

Profª Vanessa Fabíola de Faria (UNEMAT)

Local e data de aprovação

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, sem ele nada seria possível, estar passando por mais esse momento marcante na vida de um acadêmico.

Em especial, a minha esposa Adriana Tiago da Cruz Alves que neste ano me deu mais um motivo para amá-la mais e sermos uma família completa, ela nos deu uma filha Ana Beatriz Maia da Cruz Alves.

Aos meus pais Gidalvo Alves e Cleonice Silvano Alves, por ter me colocado no mundo e proporcionado uma ótima educação tanto familiar quanto escolar, que me deu base para chegar até aqui.

AGRADECIMENTO

A minha esposa Adriana Tiago da Cruz Alves por ter me entendido e por ter cobrado para o termino do trabalho.

A minha orientadora Ana Maria Macedo por não ter desistido de mim.

“Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é...”. (FOUCAMBERT, 1994 p.5).

RESUMO

Neste trabalho temos como objetivo percorrer os caminhos que leva a formação do leitor em sala de aula na disciplina de literatura, com o intuito de verificar porque nossos alunos não gostam muito de ler. Para chegar ao objetivo vamos juntamente com Foucambert, Kleiman, Brandão, Silva e outros, levantarmos um quadro teórico sobre a leitura, conceituando e verificando qual a importância da leitura no ambiente escolar, na disciplina de literatura, mostrarmos que a leitura nos levam a grandes descobertas que mudam para sempre nossas vidas.

Palavras-chave: Leitor, leitura, escola, aluno.

INDICE

INTRUDOÇÃO	7
1.O QUE É LEITURA	9
1.1 CONCEITO DE LEITURA	9
1.2 A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER NA ESCOLA	12
2.A LEITURA LITERÁRIA	17
2.1 LEITURA: UM ENCONTRO COM O PRAZER E/OU O PRAZER DA DESCOBERTA	19
3.APRESENTANDO ALGUNS DADOS	22
CONCLUSÃO	27
ANEXO 01	P1
ANEXO 02	P2
ANEXO 03	P3
ANEXO 04	P4

INTRODUÇÃO

Este estudo trata da formação do leitor literário em sala de aula. A leitura é muito importante para a vida escolar e também para a vida social, é por intermédio da leitura que o ser humano conhece e domina o código da linguagem necessária para se comunicar uns com os outros, para aquisição e construção do conhecimento, por isso é importante que o aluno aprenda a ler os mais diversos textos que circulam dentro e fora da escola.

Para que o aluno tenha sucesso na sua vida escolar e em qualquer área que queira atuar na sociedade é necessário dominar o ato de ler, contudo ler não se restringe ao decodificar ou oralizar o escrito, ler é ir além das palavras impressas no papel, é compreender o que se lê.

O que levou ao desenvolvimento desse trabalho foi verificar qual a contribuição do professor de literatura na formação do leitor proficiente, a maneira que ocorre o ensino da leitura é um fator determinante para efetivar ou não o hábito da leitura. O educador tem em suas mãos a possibilidade de mudar o hábito e a imagem que os alunos têm da leitura.

Como a leitura é importante para o convívio social, é importante saber como e se está sendo ensinada. O trabalho adequado da leitura proporciona ao aluno um crescimento intelectual, isso possibilita que alunos tenham acesso aos bens culturais e se torne um leitor literário proficiente.

Esta pesquisa partiu da leitura de alguns autores que discutem o tema e de questionários que foram distribuídos para 4 professores, dois de cada escola, no intuito de verificar suas práticas pedagógicas em relação à leitura na disciplina de literatura. Foi feito um questionário que foi respondido por quatro professoras da rede pública estadual com o propósito de colher informações para discussão. O questionário teve cinco perguntas, a primeira teve o intuito de verificar quantos livros os alunos lêem no ano, e foi levantado que lêem um número mínimo de livros; a segunda pergunta foi para verificar quem fazia a escolha dos títulos, e foi verificado que o professor escolhe pelos alunos; a terceira teve o intuito de levantar quais eram os títulos mais lidos, a resposta foi uma lista dos clássicos da literatura; a quarta pergunta foi para saber os ambientes de leitura, responderam vários, mas prevaleceu a casa; a quinta foi para verificar qual a didática adotada pelos professores após a leitura do livro, foi levantado que a sequência didática é seminários, produção escrita com um fundo avaliativo.

O trabalho foi dividido em três partes, a primeira enfatiza que a leitura é um meio necessário para ter acesso à literatura; a segunda parte discute a definição de leitura que era

ensinado nas décadas de 60 e 70 e a definição da leitura hoje, antes achavam que oralizar o escrito era leitura, hoje Foucambert e outros teóricos nos mostra que leitura é compreensão do que se lê; a terceira parte trata da importância do ato de ler na escola, discute o papel da escola no ensino do ato de ler; a quarta parte fala sobre a leitura literária, apresenta a importância da literatura na formação do ser crítico; a quinta parte discute a leitura um encontro com o prazer e/ou o prazer da descoberta, a leitura proficiente leva o leitor a um mundo repleto de possibilidades, cabe ao leitor manter o hábito e criar sua maneira de ler; a sexta parte discorre sobre a pesquisa de campo feita por meio de questionário respondido pelas professoras e que nos levou a verificar que as professoras pouco se esforçam para formar leitores, é necessário trabalhar para que ocorra uma transformação na maneira que a leitura é vista e ensinada na escola.

1. O QUE É LEITURA

A escola contribui para o sucesso de qualquer sociedade. Boa parte do crescimento econômico de alguns países nas últimas décadas é resultado de investimento em educação. No Brasil, contudo, o acesso efetivo à leitura e à escrita ainda está restrito a algumas “castas” da sociedade e o que deveria ser um direito torna-se um meio a mais de manter as desigualdades: sociedade letrada versus não-letrada.

Para que a cidadania seja garantida, é preciso proporcionar às crianças o acesso à leitura e à escrita para que se apropriem dos discursos cultos da língua sem os quais serão barradas na sociedade letrada.

O que se pergunta então é: que janela pode se abrir para que as pessoas em geral tenham acesso à literatura? Essa é uma das tarefas do professor e da escola, trabalhar para que todos possam ter acesso a esse bem cultural. Os alunos muitas vezes não gostam de ler porque não têm contato com textos e não os conhece. Se a escola não intervier, isso não fará parte do repertório dos alunos.

A forma como a escola tem agido nesse sentido é o que será trado nessa parte.

1.1 CONCEITO DE LEITURA

Por muito tempo, acreditou-se que alfabetizar uma pessoa, ou seja, ensinar a ler e escrever seria o suficiente para a formação do leitor. Mas o que ocorria na verdade era uma oralização da escrita, um pronunciar de letras, sílabas e palavras, esse ato assegurava ao indivíduo o saber decodificar os códigos convencionais, distanciando-se assim da compreensão e apreensão do significado implícito no texto.

“Entre 1960 e 1970, o saber ler era atribuir um significado ao escrito, transformando-o em oral, fazer a junção de letras, sílabas e palavras, que na verdade se torna em saber decifrar códigos legitimados por convenções” Foucambert (1994).

Com o passar dos anos, o conceito de leitura foi repensado e hoje se considera que ler é atribuir significado ao texto, questionando e formulando hipóteses para serem constatadas durante a leitura e para nos ajudar a fazer um juízo do que lemos. . No âmbito educacional, o PCN traz um redimensionamento do que seja ler, pois se pode encontrar a seguinte afirmação:

“A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus

objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita. Não se trata simplesmente de extrair informações da escrita decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente compreensão na qual os sentidos começam a ser construídos antes da leitura propriamente dita". (PCN, 1997, p. 53)

Nesse mesmo sentido a leitura é tratada por Foucambert (1994 pág.), como um ato, logo exige uma ação do leitor e toda ação gera mudanças, portanto o ato de ler requer um leitor ativo que compreende o que lê e, conseqüentemente, passa a agir na sociedade por meio da capacidade de interagir com as pessoas por meio da palavra. O ser humano é dotado de inteligência para aprender e ensinar e é por causa dessa característica peculiar que nós aprendemos a ler e usar o que lemos para formar novos conceitos a cerca de nós e dos outros e até mesmo da sociedade. Um fato muito importante a ser levado em consideração nessa etapa do aprendizado é a forma que a leitura está sendo ensinada, pois é por meio do ato de ler que temos acesso aos diversos conhecimentos que aprendemos na nossa vida escolar.

"Ler não se restringe a um ato mecânico, automático, de pura decodificação de palavra. O ato de ler é um processo abrangente e complexo; é um processo de compreensão, de intelecção de mundo que envolve uma característica essencial e singular ao ser humano: a sua capacidade simbólica e de interação com o outro pela mediação da palavra". (BRANDÃO, 2001. p. 17)

Ler é assimilar conhecimento para transformar nossa vida pessoal e social e não mero ato de decodificação, idéia que parece se fazer presente ainda em algumas escolas do país.

Silva (1987, p.42) destaca que ler é participar mais crítica e ativamente da comunicação humana e explicita algumas funções da leitura: leitura é uma atividade essencial a qualquer área do conhecimento e mais essencial ainda a própria vida do ser humano; leitura está intimamente ligada com o sucesso acadêmico do ser que aprende; leitura é um dos principais instrumentos que permite ao ser humano situar-se com os outros, de discussão e de crítica para se poder chegar à práxis; a facilitação da aprendizagem eficiente da leitura é um dos principais recursos de que o professor dispõe para combater a massificação galopante, executada principalmente pela televisão; a leitura possibilita a aquisição de diferentes pontos de vista e alargamento de experiências, parece ser o único meio de desenvolver a originalidade e autenticidade dos seres que aprendem. O conhecimento da palavra e do seu significado nos coloca em um nível diferenciado, o domínio e o exercício do ato de ler nos possibilita pensar e reformular nossos conhecimentos prévios, a leitura causa mudança em

nosso comportamento para com nosso semelhante, logo ao nos tornarmos leitores ativos podemos ser influenciado e influenciar através da nossa conduta.

“De fato o propósito básico de qualquer leitura é a apreensão dos significados mediatizados ou fixados pelo discurso escrito, ou seja, a compreensão dos horizontes inscritos por um determinado autor em uma determinada obra”. (SILVA, 1987, p.43)

Com esta definição de leitura constatamos que desde cedo nos é ensinado que decodificar um código convencional é ler, mas já sabemos que o que nos foi ensinado não passa de um equívoco. O domínio do código e sua oralização é parte do caminho que fazemos rumo à leitura, mas ainda não é leitura. Foucambert (1994 p.6) afirma que ler é explorar a escrita de forma não-linear, já a oralização requer que sigamos um percurso linear do início ao fim do texto, essa atividade nos permite apenas construir uma cadeia oral a partir do escrito, não dando muito resultado quanto à leitura para a compreensão.

A compreensão de um texto não está restrita apenas na decodificação das palavras, a oralização é uma etapa pela qual temos que passar, nessa etapa nos ensinam juntar as letras formando palavras, aprendemos a grafia de cada letra, depois aprendemos pronunciar as palavras. Nessa etapa, realmente decodificamos as palavras porque estamos aprendendo a pronunciar, ficamos apreensivos em juntar letra por letra de cada palavra. Kleiman (2004 p.15) nos confirma que “... o comportamento da criança no início da alfabetização parece mostrar isso, quando a criança, após silabar a palavra, repete a palavra inteira, até com uma entonação diferente”. O domínio da decodificação é percebido quando ao pronunciar uma palavra o leitor não se preocupa em saber primeiro quais letras formam a palavra, ou seja, ler é não ficar prezo à forma escrita. É no início da alfabetização que podemos constatar a decodificação das letras, nessa etapa ainda não dominamos o código convencional de nossa língua materna, por isso ao tentar ler uma palavra, primeiro precisamos reconhecê-la, depois juntá-las e por fim oralizar a palavra. O exercício constante desse processo nos leva ao domínio da decodificação, essa condição pode ser percebida em nós quando ao lermos uma palavra não nos preocupamos em juntar as letras da palavra. Esse domínio da decodificação nos leva a um novo nível de aprendizado rumo ao ato de ler. (Kleiman 2004 p.15)

De acordo com Foucambert (1994 p.8), ler é atribuir um significado ao texto e que se formos aplicar proporção de percentual para cada parte do processo de leitura, teremos 20% de informação visual; 80% de informação proveniente do texto, o que sobra é informação sonora.

É da interação leitor e texto que provém a maior parte da informação que precisamos para compreender o texto, essa compreensão por sua vez é confrontada com nosso conhecimento prévio para posterior formação de significado, é em meio a esse processo de compreensão e significação que procuramos entender o que o autor está propondo e se concordamos com ele ou propomos novo significado.

“Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a prática do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relaciona-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista” (LAJOLO, 1982, p.59)

O ser humano é dotado de inteligência que possibilita entender os significados ocultos no texto, de selecionar e combinar informações implícitas que vai auxiliar na compreensão das idéias ali contida, faz seus julgamentos segundo suas experiências e seu conhecimento prévio acrescentando ou não seus conceitos, é nesse processo que o ser humano descobre em si a sua capacidade. Os grandes pensadores de épocas passadas e de nossa época utilizaram-se e utilizam da escrita para registrar seus pensamentos sobre os mais diversos assuntos, esses escritos vêm nos expor novas idéias ou contestar e inovar idéias já formuladas, e é através da leitura que vamos ter acesso a essas teorias que mudam o mundo.

“Leitor maduro é aquele para quem cada nova leitura desloca e altera o significado de tudo o que ele já leu, tornando mais profundo sua compreensão dos livros, das gentes e da vida” (LAJOLO, p. 53)

1.2 A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER NA ESCOLA

Com o passar dos anos, o acesso à educação foi se tornando mais fácil, até chegar ao ponto de ser obrigatório que todos fossem alfabetizados, soubessem ler e escrever. Em conformidade com MELO (1999) podemos constatar que o aumento de pessoas alfabetizadas não assegura que se tornaram leitores permanentes.

“à redução das taxas de analfabetismo” não significa “que o hábito de leitura não tem se expandido adequadamente” “o público leitor não cresceu o bastante, o que significa a existência de um vasto contingente populacional que possui o domínio do código alfabético – chave da leitura – mas não a

prática regular e permanentemente. É que a leitura continua a ser um hábito característico das classes escolares.” MELO (1999, p.63)

Desde sua criação, a escola sofreu várias transformações e, como podemos ver, continua exercendo o seu papel de aparelho repressor e a trabalho do Estado, impossibilitando as pessoas de enxergarem a possibilidade de mudar suas vidas, de compreender que um livro pode transformar sua forma de pensar, que tem mais escolhas do que imagina.

“O ato de ler foi de tal forma se afastando da prática individual que a tarefa que hoje se solicita de profissionais da leitura, como professores, bibliotecários e animadores culturais, é exorcizarem o risco da alienação, muito embora eles possam acabar constituindo elo a mais na e agora inevitável cadeia de mediadores que se interpõem entre o leitor e o significado do texto.” (LAJOLO, 2001, p.105)

Como este não é o foco de nosso trabalho nos deteremos apenas na prática da leitura, para colocar em discussão possíveis mudanças no hábito do ato de ler, no ensino da leitura literária.

Em 1960 e 1970 o saber ler estava vinculado à alfabetização, atualmente muitos teóricos afirmam grandes mudanças nessa forma de pensar, atribuindo à escola o papel de estimuladora da leitura, proporcionando o contato da criança com os diversos tipos de texto que circula na sociedade e, claro, com o texto literário.

“Efetivamente a escola é a instituição fundamental para estimular a leitura, pois se trata de um ato intelectual que pressupõe o domínio do código alfabético. É na escola que se aprende a ler e a escrever.” (Melo 1999, p.71)

Foucambert nos apresenta a idéia de desescolarização da leitura (1994, p.16) “desescolarizar a leitura significa que, tanto em relação às crianças quanto aos adultos, todas as instâncias educativas devem ter o cuidado de formar o leitor”. Com essa conscientização da sociedade, todos passam saber qual papel desempenha, assim a formação de leitores ficará mais fácil e a escola que “pode levar à leitura compulsória durante algum tempo, depois torna-se um leitor ocasional, casual” Melo (1995, p.71) não fica com toda a responsabilidade. Com essa mobilização de toda a sociedade, a formação do leitor pode tomar novos caminhos. Podemos até mesmo pensar na utilização de métodos de estudo para melhor formação do leitor, que norteia para uma formação produtiva e estimulante, constatando o conhecimento prévio que aluno tem da leitura e a partir daí levá-lo a novas fronteiras.

Numa obra canônica, Bordini & Aguiar (1993) nos apresentam o método recepcional, o qual, em sua aplicação didática, divide-se esquematicamente em cinco etapas: 1) determinação do horizonte de expectativas; 2) atendimento do horizonte de expectativas; 3) ruptura do horizonte de expectativas; 4) questionamento do horizonte de expectativas; e 5) ampliação do horizonte de expectativas. Esse em um método que a escola pode aplicar por ser uma forma de trabalhar a leitura como deve ser, esse método é dividido em etapas com vários objetivos que visa o trabalho da leitura na sua excelência. Nesse método o professor vai fazer um diagnóstico de seus alunos, esse levantamento deve ser feito com o mesmo rigor que os médicos fazem com seus pacientes, assim vai saber quais são os interesses dos alunos, seus estilos de vida, suas crenças, suas preferências pelos temas e gêneros e seus conhecimentos prévios; depois de fazer o diagnóstico o docente vai montar seu material de trabalho segundo as necessidades dos educandos, proporcionando leituras literárias condizentes com a realidade dos alunos; após essa etapa o professor pode trabalhar textos que tenham relação com os textos já lidos, mas com um diferencial, que esses textos apresentem novos elementos para trabalho; nessa fase o professor propõe uma comparação das leituras efetuadas levando o aluno a perceber o enriquecimento que uma leitura proporcionou a outra e por fim conduzir uma discussão à cerca das aquisições dos educandos em termo de experiência de vida, mudando seus pensamentos e a maneira como vêem seu mundo. (Mello)

O processo de formação do leitor é um longo caminho que pode começar desde cedo, na família, incentivando a criança a ter contatos com a leitura, continuando na escola e alastrando por todas as instituições envolvidas, levando toda a comunidade a participar da jornada dos futuros leitores.

O domínio das estratégias ajuda o leitor a ver e perceber o mundo com outros olhos, notará que os livros literários não são apenas histórias inocentes e sim uma maneira de criticar e mostrar o que se passava em uma determinada época da história e muitas das respostas que sempre procuramos pode ser encontrada nesses livros.

Quando a criança interage com a escrita aprende as convenções da linguagem, e é observando os pais a lerem que as crianças despertam para o mundo da linguagem, dessa experiência elas aprendem a manusear o livro, começando pela primeira página e acabando pela última, folheando uma por vez, percebe que a escrita segue da esquerda para a direita, esses detalhes da leitura a criança aprende em família.

As crianças que passarem por experiências na área de leitura no seio da família chegará à escola com uma expectativa de romper novas fronteiras no mundo da escrita e da leitura, terão enorme facilidade ao entrarem em contato com a leitura. A escola por muitas

vezes não atende às necessidades de seus alunos, muitas propõe segundo Orlandi, (1999 p.6) técnicas imediatistas, sem um trabalho adequado a leitura passa ser tomada para testar os conhecimentos dos alunos e não para saber se compreenderam ou não o que leram. Outra postura da escola, segundo a autora, é a escola propor “de forma homogênea que todo mundo leia como a classe média lê”, não é com essa posição e as técnicas imediatistas que a escola vai resolver a defasagem da leitura. Kleiman (2004, p.151) propõe que é possível ensinar a ler de forma heterogênea e compreensiva, criando no leitor uma expectativa, dando-lhe o máximo de informação possível sobre o conteúdo a ser lido, isso vai levá-lo a uma melhor compreensão da leitura. Para Kleiman (2004, p.53) também não é por meio de questionários sobre “informações explícitas” nos textos que será possível verificar se o aluno compreendeu.

É da união de leitura e experiência que Paulo Freire (1981 p.11) nos afirma que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Ambas são distintas, mas não se separa o conhecimento de uma que leva a compreensão da outra e vice-versa. Brandão (2001. 22) também defende essa idéia, em conformidade com o mesmo, a “atividade constitutiva de sujeitos capazes de entender o mundo e nele atuar como cidadão”, ao fazermos as leituras que não se limitam ao texto enquanto estrutura, refletindo e incorporando ao conhecimento prévio os conceitos percebidos para melhor compreender o mundo e nossos semelhantes.

Com a participação da comunidade na formação do leitor, dando ênfase ao mesmo, a leitura pode tornar-se parte da cultura de um povo e se tornar um hábito. Segundo Melo (1995, p.160) “é uma atividade que se inicia no núcleo da educação informal que é a família e encontra sustentação na vida comunitária”, mais uma vez vemos que a leitura não é exclusivamente responsabilidade da escola, essa idéia é defendida também por Silva que nos afirma “a formação do leitor não é apenas uma questão escolar, ela é, isto sim, uma questão que abrange o trabalho de todas as instituições e órgãos culturais”.

A questão dos nossos alunos estarem sendo alfabetizados não lhes assegura que estão se tornando leitores. Melo (1995, p.77) afirma que “a leitura não é um ato que se dá apenas pelo domínio alfabético. Trata-se de uma ação dotada de profundo sentido social-participação, criação, construção”. A alfabetização é uma etapa onde o aluno conhece as letras e passa a juntá-las formando palavras, frases e textos, este último por sua vez é um dos objetos de estudo da literatura.

O analfabetismo é um limitador da inclusão de uma pessoa na sociedade, impossibilitando que o indivíduo exerça sua cidadania. Sem o acesso à leitura ficamos à margem das decisões que regem nossa vida social, não desfrutamos dos bens culturais, por

não termos acesso a livros que são importantes meios de criação, transmissão e transformação da cultura.

É importante lembrar que analfabetismo não é uma condição exclusiva das pessoas que não foram escolarizadas, existem também os analfabetos funcionais, ou seja, aqueles que foram escolarizados aprenderam e agora não colocam em prática seus conhecimentos, essas pessoas são a prova de que segundo o PCN (1997 p.55) a escola “vem produzindo grande quantidade de “leitores” capazes de decodificar qualquer texto”, mas com enorme dificuldade para ‘compreender o que tentam ler”. Sabemos que é papel da escola promover o acesso do aluno aos diversos tipos de textos que circulam dentro e fora da escola, ampliar seus saberes é importantes para exercer sua cidadania. Com relação a isso o PCN:

“(...) Atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes necessários para o exercício da cidadania, (...) cabe a escola promover a sua ampliação de forma que, progressivamente, durante oito anos do ensino fundamental, cada aluno se torne capaz de interpretar diferentes textos que circulam socialmente”. (PCN da Língua Portuguesa, 1997 p.23)

2. A LEITURA LITERÁRIA

O verbo ler não aceita imperativo. (Pennac, 1993, p.13)

O estudo da literatura, quando trabalhada com o objetivo de formar cidadão crítico, é capaz de provocar mudanças do hábito de uma sociedade que necessita de uma inclusão social e ter acesso aos bens culturais. Na literatura a pessoa aprende a descobrir os significados implícitos em um texto, comparar pontos de vista, julgar e re-formular suas experiências prévias.

Para falar sobre a leitura literária, faz-se necessário apresentar algumas práticas recorrentes no âmbito escolar em todos os quadrantes do país, apesar de muitas pesquisas e publicações apontarem as desvantagens destas na formação do leitor. Uma prática comum é o professor indicar o mesmo livro para toda a turma, determinar um tempo para a “execução” e ao final desse período aplicar uma prova, pedir um seminário, um resumo ou outro tipo de avaliação. Percebe-se que, ao final da leitura, o aluno tem apenas que provar ao professor que leu. A escolha do título normalmente acontece de acordo com o período literário estudado, o que significa que são os mesmos livros no segundo ano em qualquer escola – obras do Realismo e do Romantismo. No terceiro, os alunos lêem obras pertencentes ao Modernismo.

Acontece uma espécie de censura, pois mesmo que o aluno queira ler Graciliano, por exemplo, no segundo, ele não poderá fazê-lo, pois o livro não pertence ao período estudado. A alegação frequente é que o aluno não entenderá ou não está preparado para ler. Assim é como se a leitura fosse semelhante a algumas atividades físicas que exigem um período de condicionamento, ou o sacerdócio, algo sagrado, que precisa de um preparo prévio. Mesmo que isso seja verdadeiro, não é apenas com um ou dois livros por ano que o aluno conseguirá proficiência na leitura ou se tornar um leitor maduro, uma vez que “a qualidade (profundidade) do mergulho de um leitor num texto depende de seus mergulhos anteriores. Mergulhos não só das obras que leu, mas também na leitura que faz de sua vida” (FONSECA E GERALDI, 2004, p. 112)

Por meio da leitura literária, podemos estudar e aprender a olhar o mundo e compreender as mudanças e provocá-las na sociedade. Quando terminamos de ler um livro, trazemos para nós novas maneiras de perceber, de sentir o mundo, o que acaba por oportunizar a seleção de novos textos, que, por sua vez, trarão novas percepções e, assim, a cada texto vai se abrindo novas possibilidades de diálogo e indagações. Melo (1995, p. 93) defende que “a tarefa de criar novos leitores, expandir o hábito de leitura, democratizar a

cultura é, antes de tudo, a tarefa de forjar cidadãos críticos, conscientes da sua força coletiva no processo de transformação social”, com a conscientização da sociedade á cerca da leitura, e o papel que cada um tem no processo de formação do leitor. Segundo Zilberman (1995) “o leitor compreensivo, porta-se diante do texto, transformando-o e transformando-se”, o que aponta para o papel formador da leitura.

O objetivo da literatura é formar cidadãos que pensem nas mudanças e façam as mudanças ocorrerem, ser pessoas ativas lutando por transformações que julgam ser necessárias para a sociedade, ela promove a aprendizagem que serve para a constituição de sujeitos em constante evolução.

“A psicologia social corrobora essa afirmação à medida em que grande parte da aprendizagem humana ocorre através da observação do comportamento de outras pessoas. Apesar dessa frase surrada ‘Faça o que eu digo; não faça o que eu faço, os indivíduos e particularmente as crianças tendem a utilizar o comportamento de outras pessoas como paradigma para seu próprio comportamento”. (SILVA, 1988, p. 56).

É pela literatura que nós podemos constatar outras experiências de épocas passadas, de outras civilizações que contribuíram para o mundo de hoje. Apesar de o texto literário ser uma história de ficção, ele traz em seu seio características, estilos, costumes, modo de pensar e muitas outras coisas que através de uma leitura superficial não seria possível percebê-las. Na literatura ler é uma viagem para um mundo irreal paralelo à realidade que permite sermos observadores de nós mesmos. Segundo Brandão (2001, p.23), “ler um texto literário significa entrar em novas relações, sofrer um processo de transformação”. Para a autora, a literatura é constituída de textos que transcendem suas épocas, são discursos atemporais que não ficam restritos a uma determinada época. O mesmo ocorre com a leitura desses textos, ou seja, a leitura que fazemos de um texto hoje não será a mesma se lermos o mesmo texto daqui dez dias. A literatura “parece sempre ter o que dizer ao homem que a procura” (BRANDÃO, 2001 p.24).

Segundo Brandão (2001, p.27) , se a literatura for bem trabalhada nas escolas, os alunos dessas instituições vão ser amanhã novos indivíduos capazes de pensar uma sociedade melhor estruturada e é a escola que “pode transformar o ser que se educa em um novo agente, um novo construtor de experiências, um elo fundamental nessa imensa cadeia de humanidade que atravessa os séculos”.

2.1 LEITURA: UM ENCONTRO COM O PRAZER E/OU O PAZER DA DESCOBERTA

É importante para um leitor iniciar sua jornada de leitura antes de iniciar sua vida escolar. É o momento em que a família pode proporcionar aos seus filhos o contato com o mundo da leitura, não esperar pela escola. Ser um exemplo para os filhos, ler para eles; dar livros de presente; acompanhar suas leituras; compartilhar suas leituras para saber se eles compreenderam o que leram.

Há ainda um aspecto pragmático que não pode ser esquecido: o custo. A leitura - literária ou não - é uma maneira barata de ter lazer, mais barata que outras fontes como teatro, clube, cinema entre outros. Nesse aspecto perde até para a televisão, pois um único livro pode ser lido por centenas de pessoas e durante séculos, o que significa que, se um pai comprar um livro para seu filho, várias gerações seguintes poderão usufruir dessa fonte de lazer.

Mesmo com custo menor que outras fontes de lazer, a leitura nos leva a um mundo repleto de possibilidades ao nosso alcance. Para que essas mudanças ocorram em nossas vidas e que tenhamos sucesso em nosso aprendizado independente de qual seja sua área, é necessário manter o hábito de ler e desenvolver a própria maneira de direcionar as leituras.

Um leitor maduro, ao ler, aplica todos os passos necessários para uma compreensão clara do texto, e depois faz um julgamento crítico do que leu, enriquece seu conhecimento prévio e, conseqüentemente, muda sua forma de pensar.

Ser leitor é querer saber o que se passa na cabeça do outro, para compreender melhor o que se passa na nossa. Essa atitude, no entanto, implica a possibilidade de distanciar-se do fato, para ter dele uma visão de cima, evidenciada de um aumento do poder sobre o mundo e sobre si por meio desse esforço teórico. Ao mesmo tempo, implica o sentimento de pertencer a uma comunidade de preocupações que, mais que um destinatário, nos faz interlocutor daquilo que o autor produziu. Isso vale para todos os tipos de textos, seja um manual de Instruções, seja um romance, um texto teórico ou um poema (FOUCAMBERT, 1989, p. 30).

Isso só é possível pela relação leitor/texto, de um lado o texto cheio de lacunas que permite uma expansão de sentido e do outro lado o leitor que em seu papel de leitor proficiente seleciona a interpretação que melhor convém. Mas, para que tudo isso ocorra é necessário tempo, livros e desejos de ler. A escola pode e deve aguçar nos alunos a curiosidade, mostrar-lhes as possibilidades de leitura, diferentes textos e as funções ou objetivos de leitura de cada gênero de texto, afinal, não se lê um romance com o mesmo

objetivo que se lê uma bula ou um manual de instrução. Mas toda leitura, como afirma Foucambert, aumenta o poder sobre o mundo e sobre si mesmo.

“A operação do leitor para pôr em funcionamento o texto é uma atividade cooperativa de recriação do que é omitido, de preenchimento de lacunas, de desenvolvimento do que se oculta nos intrínsecos do tecido textual”. (BRANDÃO p. 19-20)

Com uma postura crítica o leitor desempenha papéis como: o de cooperativo que constrói seus significados a partir das informações contidos no texto; produz novos sentidos para o texto sendo um só condutor do texto e por fim torna sujeito do processo, não um simples objeto a ser manipulado pelo texto. Mas essa apropriação do livro enquanto sujeito ou enquanto amigo talvez possa ocorrer com mais facilidade se forem observados alguns direitos que Pennac (1993, p.139) chama de imprescindíveis, os quais são listados a seguir:

- 1) O direito de não ler.
- 2) O direito de pular páginas.
- 3) O direito de não terminar o livro.
- 4) O direito de reler.
- 5) O direito de ler qualquer coisa.
- 6) O direito ao bovarismo.
- 7) O direito de ler em qualquer lugar.
- 8) o direito de ler uma frase aqui outra ali.
- 9) O direito de ler em voz alta.
- 10) o direito de calar.

Mesmo numa rápida olhada, é possível perceber que nem sempre esses direitos são reconhecidos como legítimos pela escola, talvez a principal responsável pela formação do leitor. Parece realmente difícil a conciliação desses direitos com a prática do título único para a sala inteira, ou mesmo títulos variados, mas exigindo dos alunos uma prova de que leram. Ora, como pular páginas se terão de fazer uma prova, apresentar um seminário, fazer uma ficha, ou coisa semelhante? Como não terminar o livro? A discussão poderia se estender, mas parece-nos que já ficou delineado um problema enfrentado pelo aluno, leitor iniciante, considerado incapaz de fazer escolhas certas se não tiverem uma mão firme que os guie para o “prazer” que a leitura proporciona.

A esses direitos Fariña (2006, p.117- 18) acrescenta outros :

- 1) O direito de ter acesso ao livro.
- 2) o direito de ser ensinado a ler.
3. O direito de ler quatro ou cinco livros ao mesmo tempo.
4. O direito de não saber onde leu isto ou aquilo.
5. O direito de misturar leituras e autores.
6. O direito de carregar o livro debaixo do braço.
7. O direito de esquecê-lo e não saber onde.
8. O direito de não emprestá-lo.
9. O direito de falar bem ou mal dele.

Percebemos que são posturas que parecem contrariar algumas atitudes assumidas por muitos professores justamente em nome da leitura e da formação do leitor. Não é incomum professor não aceitar que o aluno fale que não gosta de determinada obra canônica ou de autores reconhecidos, atitude vista como rebelde, afinal, como falar mal de Machado de Assis, por exemplo? Quem o aluno pensa que é? Os livros e os autores consagrados são alçados à condição do sagrado, portanto, qualquer atitude “profanatória” não será aceita pela escola, que assume a função de guardião da boa leitura. E justamente essa assunção resulta, não raras vezes, em um efeito contrário ao esperado, em vez do respeito do aluno pelo livro ou pelo autor, vem a rejeição e a náusea.

Um leitor ativo busca em suas leituras conhecer e interpretar o mundo em que vive, tornando-se assim sujeito, que segundo Brandão é “capaz de inteligir o mundo e nele atuar como cidadão”.

A leitura como exercício de cidadania exige um leitor privilegiado, de aguçada criticidade, que, num movimento cooperativo, mobilizando seus conhecimentos prévios ...” é “...capaz de ultrapassar os limites pontuais de um texto e incorporá-lo reflexivamente no seu universo de conhecimento de forma a levá-lo a melhor compreender seu mundo e seu semelhante.” (BRANDÃO, p.22)

3. APRESENTANDO ALGUNS DADOS

Nessa etapa do trabalho, vamos apresentar o resultado de uma pesquisa realizada entre os dias 25/05/2008 e 30/05/2008 com professores de duas escolas públicas de Pontes e Lacerda. Os sujeitos envolvidos bem como as escolas não terão seus nomes divulgados e serão identificados como P1 e P2, os professores da escola 1, de agora em diante, E1 e P3 e P4 os professores da escola 2, de agora em diante E2. Todos os sujeitos envolvidos, que atuam no ensino médio e lecionam literatura, responderam a um questionário contendo 5 (cinco) perguntas listadas a seguir:

1) Quantos livros os alunos lêem por ano? O objetivo da pergunta era óbvio, se a escola contribui com a formação do leitor, oportunizando leituras variadas. Sabemos que ninguém se torna leitor com um livro por ano. 2) Quem escolhe os títulos? Objetivamos verificar, com essa pergunta, se o aluno tinha o direito de escolher a obra a ser lida ou se a indicação era do professor, ou seja, se a leitura era imposta. 3) Quais os livros mais lidos? A resposta a essa pergunta nos levaria a verificar se há uma tendência a pedir os mesmos títulos em diferentes escolas, considerando-se apenas o período literário e se todos lêem as mesmas obras canônicas. 4) Onde os alunos lêem? Com essa pergunta, queríamos verificar se algum professor reserva tempo nas aulas para que os alunos leiam ou se a leitura é feita apenas como atividade extra-classe. 5) Qual a sequência didática após a leitura por parte dos alunos? A resposta a essa pergunta levaria a verificar que tipo de leitura é exigido dos alunos, se a leitura única por meio de perguntas e respostas, se fichas, seminários, ou seja, interessava-nos saber o que é exigido dos alunos, uma vez que a avaliação da leitura subjaz uma determinada concepção de leitura.

A pesquisa procurou enfocar os alunos do 2º e 3º ano do ensino médio. Essas turmas foram escolhidas por serem séries em conclusão do ensino médio, logo se espera que tenham o domínio de alguns conhecimentos e do ato de ler. Nessa pesquisa, efetuamos perguntas que nos levassem a perceber como a leitura está sendo trabalhada nessas séries e se a maneira de trabalhar está contribuindo para formar leitores que após a conclusão do período escolar vão continuar efetuando suas leituras, demonstrando ser um leitor habitual.

A primeira pergunta do questionário, *quantos livros os alunos lêem por ano?* Teve as seguintes respostas: P1 respondeu quatro, um por bimestre, a P2 afirmou que são oito, dois em cada bimestre. Já se nota discrepância em uma mesma escola o que denota ausência de um projeto escolar que vise à formação de leitor literário. P3 colocou dois, contudo que deveria

ser, no mínimo quatro, um a cada bimestre e a P4 respondeu, uns lêem até três livros por semana outros raramente lêem.

Essa pergunta teve como objetivo verificar se os alunos têm o hábito de ler e ainda se nas escolas havia um projeto de formação de leitor, que levaria os professores a trabalharem de forma semelhante. Como vimos, a quantidade de livros que os alunos lêem está vinculado ao currículo escolar, com exceção da P3 que trabalha dois livros por ano, mas descreve que deveria trabalhar quatro no mínimo, um por bimestre e a P4 nos mostra que enquanto uns lêem três livros por semana os outros raramente lêem. Detectamos também que falta incentivo para que esses alunos leiam mais que 2 ou 4 livros por ano.

Eles poderiam ser estimulados a lerem sem o professor cobrar para atribuir nota, como sugerem Geraldi e Fonseca (2004) mudar essa postura do aluno só é possível com a ação do docente de estar sempre falando de outros títulos e de outros autores e principalmente o que vão encontrar no conteúdo desses livros, dessa forma será despertado o interesse dos leitores. De acordo com os autores acima citados (2004, p.112), não há leitura qualitativa no leitor de um livro só e a quantidade pode gerar qualidade “ não pela mera quantidade de livros lidos, mas pela experiência de liberdade de ler utilizando-se de sua vivência para a compreensão do que lê”.

A pergunta de número dois foi, *quem escolhe os títulos?* P1 afirmou – sugiro os títulos, o aluno escolhe dentre os sugeridos, qual lhe agrada; P2 – os professores juntamente com os alunos; P3 – em conformidade com movimento literário em estudo. Os professores sugerem alguns títulos e os alunos fazem suas escolhas; P4 – Às vezes o professor sugere, mas na maioria das vezes a escolha é do aluno. Essa pergunta foi feita com o intuito de verificar qual a participação dos alunos e dos professores na escolha dos livros para leitura, constatamos que o professor domina e atribui quais livros podem ser lidos, nesse processo cabe ao aluno escolher dentre os livros que o professor sugere, logo o aluno não tem voz ativa quanto à escolha da leitura a ser feita.

O professor talvez deva sugerir livros para leitura, pois ele tem – ou deveria ter - o conhecimento de bons livros e, se for leitor, poderá ser um bom guia, indicando bons livros, bons autores – concordamos com Pennac (1993, p. 155) quando afirma que há bons e maus romances. Contudo, a proibição de alguns títulos, bem como a imposição em pouco contribui para formar leitor. Entendemos a leitura literária como fruição e voltamo-nos para a gratuidade do prazer de ler, por isso acreditamos que o incentivo vale mais que a imposição. Não há como obrigar alguém a gostar, a sentir prazer, a amar, mas o professor pode fazer um jogo de sedução com os alunos, comentando sobre livros, lendo partes. Segundo Geraldi

(2004, p.97) a escola, reproduzindo o sistema capitalista e preparando o aluno para ele “exclui qualquer atividade ‘não-rendosa’: lê-se um romance para preencher uma ‘famigerada’ ficha de leitura, para fazer uma prova ou até mesmo para se ver livre da recuperação”. Para o autor deve “recuperar na escola o que ela exclui por princípio- o prazer de ler sem necessariamente apresentar à escola, ao professor, o produto desse prazer” (GERALDI, 2004, p.110) do prazer depende o sucesso do incentivo à leitura e é o enredo que enreda o leitor. Consideramos difícil o aluno ser seduzido com leitura imposta, sentir prazer com leitura para apresentação, trabalho escrito ou qualquer coisa semelhante, pois quem lê literatura no dia a dia o faz apenas pelo lazer, para comentar com o amigo ou apenas para refletir nas horas de solidão. o leitor comum, lê por lazer, por fruição, não porque tem que saber sobre tal ou qual assunto

O docente poderia pedir sugestões de leitura aos alunos. Dessa forma, seria possível verificar que tipo de leitura os alunos gostam de fazer e qual o nível de conhecimento dos discentes. Após essa constatação, o professor pode trabalhar com um material direcionado para as necessidades dos estudantes que vai enriquecer a aula e, conseqüentemente, o conhecimento de seus alunos, além de poder sugerir leitura de acordo com o gosto, o que contribuiria para enredá-los nas tramas da leitura.

A terceira pergunta foi, *quais são os livros (mais) lidos?* Com essa pergunta, será possível verificar também as sugestões dos professores. Obtivemos as seguintes respostas, P1 – os clássicos da literatura brasileira. Conforme o período em estudo. Iracema, O Guarani, Moreninha, Escrava Isaura, Casa de Pensão, Cortiço, O Mulato, Triste fim de Policarpo Quaresma, Vidas Secas etc...; P2 – Os Sertões de Euclides da Cunha, Macunaíma de Mario de Andrade, Caeté de Graciliano Ramos, Memórias do Cárcere de Graciliano Ramos, Cravo e canela de Jorge Amado, O prisioneiro de Erico Veríssimo; P3 – Memória de um sargento de milícia de Manoel Antonio de Almeida, Amor de perdição de Camila Castelo Branco, São Bernardo de Graciliano Ramos, O quinze de Raquel de Queiroz, observação a que se considerar cada série; P4 – Os livros mais lidos são os de literatura infantil. As respostas obtidas nestas perguntas nos mostram que as leituras que os alunos realizam são vinculadas ao currículo da disciplina de literatura, a professora P4 ao responder se ateve a uma faixa etária de idade dos alunos. Nessa pergunta, podemos constatar que os livros citados são os cânones que constam nos livros didáticos. Os professores preferem “autores com os quais se habituaram por sua formação, da tradição, da profissão e da imposição e que para eles não significam risco algum. Os clássicos, por exemplo, por já terem sido consagrados, trazem consigo o peso da autoridade e a certeza da impunidade. Estão acima de qualquer suspeita”. (SILVA, 2004, p. 85). Notamos ainda que o aluno lê “conforme o período em estudo” de

acordo com um professor. Mas nas outras respostas percebemos critérios semelhantes de escolha, pois todos os professores envolvidos na pesquisa lecionam no segundo e terceiro ano do ensino médio, o que justifica constar títulos pertencentes aos períodos literários trabalhados nessas séries. Contudo, quando confrontamos as respostas dos professores com o que é pedido na única livraria da cidade, verificamos que normalmente o professor sugere um único título e todos os alunos compram o mesmo.

A quarta pergunta foi, *onde os alunos lêem?* Obtivemos as seguintes respostas, P1 – em casa, na biblioteca da escola e na sala de aula. Geralmente escolho um dia p/ releitura porque tem alunos que não tem tempo e interesse de ler em casa; P2 – em casa e às vezes na sala; P3 – a maioria em casa; P4 – em casa e na biblioteca. Eles também lêem na sala de aula. Nessa questão, verificamos vários ambientes de leitura em casa, na biblioteca e em sala de aula, a P1 nos alerta para uma realidade da maioria de nossos alunos, uns não têm tempo e outros não têm interesse por vários fatores que não são plausíveis para se absterem das leituras. Percebemos também que todas as professoras trabalham a leitura em sala de aula, e que o número de livros lidos são no máximo quatro, um por bimestre o que significa se as professoras trabalham o livro em sala de aula para posterior avaliação e assim poder atribuir as notas. Não estamos contestando o fato de a leitura ser trabalhada em sala de aula, mas quando o professor trabalha um livro com objetivo pré-determinado (avaliação), este professor está mostrando para seus alunos que a leitura é simplesmente para obter nota, essa postura do professor “castra” o aluno que por sua vez se retrai e possivelmente não será um leitor proficiente.

A quinta pergunta *qual a sequência didática após o trabalho com leitura?* Obtivemos as seguintes respostas, - P1 Depois da leitura e no final do módulo os alunos comentaram sobre o livro e as características encontradas, seminário; P2 – não respondeu; P3 – Seminário – análise das obras lidas – produção escrita (resenha); P4 – não respondeu. Essa pergunta teve o objetivo de verificar junto as professoras como procediam o trabalho após os alunos terem lido os livros. O resultado foi insatisfatório, primeiro na digitação da pergunta ocorreu uma troca de palavras entre sequência por segunda, mas essa troca não atrapalharia a interpretação das professoras, segundo ao distribuir o questionário foi explicado qual era o objetivo de cada pergunta, e mesmo com as explicações duas das professoras se abstiveram da resposta por não terem entendido a pergunta. As professoras P1 e P3 responderam que trabalham comentando, analisando através de debates, seminários e produção de resenha. De uma forma geral, percebemos que “na escola não se lêem textos, fazem-se exercícios de interpretação e análise de textos. E isso nada mais é do que simular leituras.” (Geraldí, 2004, p.90)

Nessa pesquisa de campo, verificamos que os esforços de nossos professores são mínimos para entranhar nos alunos o hábito da leitura, uma vez que trabalham quatro livros por ano e até menos nos mostra que o estímulo para leitura se limita para o livro a ser trabalhado no bimestre, e como já foi dito esse não é bem um estímulo.

As professoras se esforçam para trabalhar em sala de aula o material que lhe é dado, ou seja, elas aplicam em sala de aula o que está estipulado no currículo escolar e como sabemos a leitura é encaixada na disciplina de literatura, não percebem que a leitura é a base para o aprendizado de qualquer disciplina.

3. CONCLUSÃO

A escola pode ser hoje o grande diferencial de um país, pois ela forma o cidadão de amanhã. Para isso cabe a essa instituição desempenhar o seu papel na sua plenitude, garantindo a todos o exercício da cidadania, para que isso ocorra é necessário proporcionar o acesso a leitura e á escrita a todos para que possam ter acesso aos bens culturais e literários.

Para chegarmos ser leitor proficiente temos que passar por processo que pode iniciar na família e continuar na escola. Muitas vezes o que ocorre é que ao chegar à escola o processo vai ser iniciado.

A escola está presente na sociedade para proporcionar o enriquecimento de nosso conhecimento, somos seres dotados de inteligência e com o ensino da direção certa podemos superar os obstáculos. O domínio do ato de ler pode nos proporcionar grandes mudanças, quando efetuamos uma leitura com competência ela nos transforma e consequentemente muda nossos hábitos e comportamentos conosco e com nossos semelhantes.

A literatura nos proporciona um mundo repleto de possibilidades, seus textos nos leva para uma viagem atemporal, são textos que transcendem sua época, possibilitando ao leitor se conhecer e compreender o mundo a sua volta. Esse deveria ser um dos efeitos do ensino da literatura, mas o que verificamos nas escolas pesquisadas foram professores preocupados segundo Pennac (1993) em cumprir objetivos burocráticos.

Em nossa pesquisa de campo constatamos que nossos professores se encontram limitados em seguir um cronograma para cumprir os objetivos do currículo escolar, trabalham durante o ano um numero mínimo de livros, os alunos lêem para atingir uma nota, com isso segundo Pennac (1993) a visão que esses alunos tem da leitura é ameaçadora.

Para que esse cenário mude é necessário que a escola entenda que para formar leitor é necessário fazer algo mais. Podem segundo Pennac (1993), mudar suas “condutas” olhar para seus alunos de forma individual. Segundo Kleiman (2004), é possível formar leitor dando atenção a cada aluno, tratando a turma de forma heterogênea, criando um ambiente dinâmico e a partir daí trabalhar a classe para exercer sua cidadania, mostrando que o ato de ler é mais que percorrer as linhas escritas de um texto, que ler é crescer intelectualmente.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

FOUCAMBERT, Jean. *A leitura em questão*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

BRANDÃO, Helena, MICHELETTI, Guaraciaba. *Teoria e prática de leitura*. In: CHIAPPINI, Ligia. (Coord. Geral). *Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos*. 3 ed. São Paulo; Cortez. 2001.

KLEIMAN, Ângela. *Leitura: ensino e pesquisa*. Campinas, São Paulo: Pontes, 2ª Edição, 2º reimpressão, 2004.

ORLANDI, Eni Puccinelli, *A leitura e os leitores*. Campinas, São Paulo: Pontes, 1998.

_____, *Discurso e Leitura*. 4º ed. Unicamp. Campinas, São Paulo, 1999.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura Para a leitura do mundo*. São Paulo. Ática, 2001.

_____. *O que é literatura*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura e realidade brasileira*. 2 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

_____. *Conferências sobre leitura – Trilogia pedagógica*. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2003.

_____. *O Ato de Ler*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1987.

_____. *Leitura e Realidade Brasileira*. 4 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto. 1988.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Teodoro da (Orgs). *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. 3 ed. São Paulo: Atiças, 1995.

_____. *Sociedade e democratização da leitura*. In: BARZOTTO, Valdir Heitor (org.). *Estado de leitura*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999. (Coleção Leitura no Brasil).

BORDINI, Maria da Glória & AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. 2º ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

FREIRE, Paulo. *A Importância do Ato de Ler: Em Três Artigos Que se Completam*. 32º ed. São Paulo: Cortez, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1981.

_____. *A Educação na Cidade*. 4.ed. São Paulo: Cortez. 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasil: 1997.

MELO, José Marques de. *Os Meios de Comunicação de Massa e o Hábito de Leitura*. In: BARZOTTO, Valdir Heitor (org.). Estado de leitura. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999. (Coleção Leitura no Brasil).

MELO, José Marques de. *Comunicação social: da leitura à crítica*. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel T. da Silva (Orgs.). Leitura: perspectivas interdisciplinares. 3.ed. São Paulo: Ática, 1995.

ALVES, Rubem. *Entre a ciência e a sapiência*. São Paulo: Loyola, 1999.

PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Tradução de Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

FARIÑA, Mercedes Formigo. *Por uma leitura literária crítica e transformadora na escola de 1º grau*. UFRJ, 2006. dissertação de mestrado

MELLO, Cláudio e OLIVEIRA, Silvana. *Metodologia do ensino, teoria da literatura e a formação do leitor competente*. Disponível em:

http://www.alb.com.br/anais16/sem08pdf/sm08ss08_08.pdf

GERALDI, João Wanderley (org.). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 2004.